

Manuel Inácio de Sousa

— um poeta faialense do século XVIII

Francisco Topa (*)

1. No decurso de pesquisas que tenho vindo a desenvolver sobre a literatura arcádica luso-brasileira, deparei há pouco com um poeta açoriano quase desconhecido. Trata-se de Manuel Inácio de Sousa, autor que os manuais de historiografia literária ou de bibliografia têm ignorado. Tanto quanto pude apurar, apenas Inocêncio Francisco da Silva lhe faz referência, e mesmo assim de forma lacónica. Sobre a sua vida, diz apenas que era «Doutor pela Universidade de Coimbra, provavelmente em alguma das Faculdades de Direito, o que todavia não hei podido averiguar. Foi natural da ilha do Faial, e parece que vivia ainda pelos fins do século XVIII» (vol. VI, p. 7, do *Diccionario Bibliographico*).

Através da consulta de documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e dos Arquivos da Universidade de Coimbra, consegui reunir novos dados para a reconstituição da biografia deste autor, ainda que alguns aspectos essenciais — a começar pela determinação dos anos do seu nascimento e da sua morte — tenham continuado por determinar.

Era filho do alferes Domingos de Sousa Silva e de Bárbara da Trindade; o seu pai e os seus avós paternos eram naturais da ilha da Graciosa, ao passo que a sua mãe e os seus avós maternos eram naturais da ilha do Faial.

Quanto ao seu percurso universitário, Manuel Inácio de Sousa matriculou-se em *Instituta* no ano lectivo de 1760/61 (o que permite pensar que terá nascido no início da década de '40); alcançou o grau de bacharel em Cânones em 25 de Maio de 1764, com a classificação de *Nemine discrepante*; fez exame de Suficiência a 4 de Julho de 1766, de Repetição no dia 17, e Privado a 23, atingindo assim a formatura, também com a informação de *Nemine discrepante*.

Relativamente à sua vida familiar, apurei que o autor — depois de, em 1770, ter obtido a tutela de uma sua sobrinha órfã — apresentou em 1808 um novo pedido de tutela (que será igualmente satisfeito), desta feita sobre duas enteadas

menores. O poeta é-nos agora apresentado como estando casado com Joaquina Rosa, dada como viúva e mãe de duas filhas, justamente aquelas cuja tutela Manuel de Sousa procura obter. Como nada nos é dito sobre o anterior estado civil do poeta, parece legítimo concluir-se que ele seria solteiro, sendo este o seu primeiro (e provavelmente único) casamento. É também de admitir que o enlace tivesse ocorrido pouco antes de 1808, dada a correlação mais ou menos imediata entre um casamento envolvendo descendência anterior da esposa e a tentativa de obter a respectiva tutela por parte do marido.

2. Quanto à sua obra, diz Inocêncio: «Consta que deixara ineditas muitas poesias, entre elas algumas *Odes* rubricadas com o seu nome, de que eu conservo, copias em um livro manuscrito de letra contemporanea». Infelizmente, o autor do *Diccionario Bibliographico* não nos dá a relação dessas odes manuscritas; em vez disso, indica as duas obras do autor que sabia terem sido publicadas:

— *Relação da Conversação do Reverendissimo Senhor João Thayer, ha pouco ministro protestante em Boston, na America do norte, escripta por elle mesmo, a que vão anexos varios extractos, etc.* Lisboa, Officina de Francisco Luis Ameno, 1788. Segundo Inocêncio, «É traducção do inglez, acompanhada do texto em frente, e sahio sem o nome do traductor».

— *Elegia na Morte do Senhor D. José, Principe do Brasil, exposta sobre o seu tumulo, no dia das suas exequias, celebradas na ilha do Faial.* Foi publicada no *Jornal Encyclopédico*, Fevereiro de 1790, Lisboa, Officina de Antonio Gomes, p. 199-202. Esta obra voltaria a ser publicada — facto não referido por Inocêncio — no *Jornal Poetico* de Desidério Marques Leão (Lisboa, Imprensa Regia, 1812, p. 16-19). É de referir que em ambas as publicações o nome do autor acentua a sua origem geográfica: Doutor Manuel Inácio

de Sousa *Faialense*. De resto, como também refere Inocêncio, Reis Quita, ao falar dele no idílio *A Amizade* (in *Obras*, II, Lisboa, 1781, p. 14-16, vv. 56-57), também realça a sua proveniência faialense; «*Tu, Sousa do Faial, a quem as Musas / As correntes franqueam do Parnaso*».

Ao que suponho, são estas as únicas obras impressas de Manuel Inácio de Sousa. Contudo, tive oportunidade de verificar que existem várias outras composições manuscritas que lhe são atribuídas, dispersas por códices pertencentes às bibliotecas da Ajuda, Nacional de Lisboa, Geral da Universidade de Coimbra e Pública Municipal do Porto. O género poético mais representado é o soneto, com um conjunto de cinco textos: *O Semblante risonho e engraçado* (publicado, anónimo na *Collecção de poesias ineditas* (...), II, p. 12); *Vem ver-me, amado bem, neste retiro*; *Que venturosos são esses pastores*; *Eu vejo, Nize, em teus olhos formosos*; *Nas margens de uma fonte que corria*. Identifiquei também um madrigal, *Ontem, quando a manhã vinha rompendo*, e uma elegia, *Coberto de tristeza, o Tejo brando*. Refira-se ainda que, num código da Biblioteca Pública Municipal do Porto, estão recolhidos cinco textos (duas odes e três éclogas) de autoria controversa e com algumas possibilidades de pertencerem a Manuel Inácio de Sousa. Um deles, a écloga *Que fresco sítio e sombra deleitosa*, figura também num outro código (da Biblioteca Nacional de Lisboa), onde aliás vem atribuída a Sousa, sendo portanto bastante seguro que o texto lhe pertença. É possível que pesquisas documentais mais sistemáticas permitam resolver esta última questão e, para além disso, conduzir à descoberta de novos textos deste autor.

3. Apresentarei em seguida três dos textos inéditos do Manuel de Sousa. Por razões de espaço, optei por textos curtos — dois sonetos e um madrigal. Suponho que esta amostra será suficiente para

proporcionar uma primeira apreciação da valia literária deste autor. Numa leitura rápida, é possível que notemos sobretudo o facto de nenhum dos textos apresentar grandes novidades temáticas ou estilísticas. No entanto, através de um olhar mais atento, suponho que não será difícil notar que o autor se revela um verificador hábil em modalidades difíceis como são o soneto e o madrigal, e que — além disso — introduz um toque pessoal no quadro bucólico de que se serve e na expressão do tema do sofrimento amoroso. Suponho também que o segundo texto — dominado pela melancolia de um sujeito que habita *outros retiros* que não as margens do Mondego — pode trazer mais um pequeno contributo ao debate acerca da expressão poética de algumas questões associadas ao tema da insularidade. Aqui ficam pois os textos. Espero, numa próxima oportunidade, através de um artigo mais detalhado e rigoso, fornecer novas informações sobre este poeta açoriano, apresentar um enquadramento da sua obra e publicar todos os seus textos conhecidos.

I

Vem ver-me, amado bem, neste retiro,
Onde rios de lágrimas derramo!
Ouvirás o som triste com que chamo,
Quando o teu nome aqui profiro.

Vem ver-me! Como aflito aqui suspiro
Nos transportes de amor em que me
[inflamo!
Com o som da rouca voz com que te
[chamo,
Verás soltar-se o pranto em largo giro.

Vem ver-me! E quando vires a mudança
Do meu rosto, já triste e macilento,
Talvez que abrandes mais tua esquivança.

Mas se tiveres dó do meu lamento,
Com um suspiro teu e uma lembrança,
Então farás ditoso o meu tormento.

II

Que venturosos são esses pastores
Que habitam no Mondego louro e brando,
Ao som de suas flautas celebrando
O motivo gentil dos seus ardores!

Que ditosos não fazem seu amores
Esses ais que as pastoras vão soltando,
Enquanto ao som das águas fabricando
Lhe estão grinaldas de cheirosas flores!

Oh quanto são felizes! Recostados
Em seus amantes braços, vêem os giros
Que o rio faz por campos dilatados.

Triste de quem habita outros retiros,
Sem gozar a frescura desses prados,
Sem ouvir do seu bem ternos suspiros!

III

Ontem, quando a manhã vinha rompendo,
Encontrei neste prado a Zélia amada,
Nos cristais d'uma fonte sossegada
seu alvo rosto vendo...

Mas eu, impaciente e receoso
De que Zélia adorada
Ficasse namorada
De seu rosto formoso,
Da doce fontezinha em que se via
Lhe turvei a corrente clara e fria.

(*) *Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

Açores: refúgio de navegadores

Patrícia Smith (*)

As ilhas dos Açores, apesar de terem sido, durante séculos, uma encruzilhada de interesses históricos, não são muito conhecidas. Elas foram um ponto de paragem para os viajantes e, tanto quanto a história nos relata, isso verificou-se desde o século XV. As ilhas foram descobertas pelos navegadores portugueses, na sequência de referências feitas, desde o século XI, a ilhas, situadas nesta zona do Atlântico.

Quando Portugal e outras nações europeias fundaram o «Novo Mundo», no século XV, os Açores tornaram-se importantíssimos para a travessia de barcos no Atlântico. Estas ilhas foram, durante séculos, um local estratégico para o comércio e fundamentais nas comunicações. No século XIX, os barcos de pesca à baleia que navegavam nos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico

faziam paragens por aqui. Em tempos de guerra, numerosas batalhas foram travadas dentro e à volta do arquipélago.

No princípio do século XX, a cidade da Horta teve uma estação retransmissora e foi um ponto de intercâmbio dos cabos de telégrafo submarino entre a Europa e a América, operados por companhias americanas, inglesas, alemãs e italianas.

Quando começaram os voos transatlânticos, o porto natural da Horta, no Faial, tornou-se a primeira paragem da travessia oceânica.

Hoje são os «yachtsmen» (iatistas) que «descobrem» os Açores, atravessando os mares desde a Europa até às Caraíbas, à América do Norte e do Sul e mesmo até à África. Cerca de 1000 iates por ano passam pela marina mais popular dos Açores — a da Horta, no Faial. Uma nova marina, em S. Miguel, foi inaugurada em 1993,

expandindo a navegação desportiva entre as duas ilhas. Portos de abrigo nas outras sete ilhas oferecem também um refúgio seguro durante os meses de Verão.

Aos Açores chegam navegadores em quase todos os tipos de embarcações: veleiros, iates, barcos de guerra, barcos de pesca, transatlânticos, sem falar dos primeiros hidroaviões.

Como disse o famoso marinheiro John Slocum, em 1895, no seu célebre livro «Viajando sozinho à volta do mundo», «só aqueles que viram os Açores do convés de um navio se podem aperceber da beleza do quadro que sobressai no alto-mar».

(*) *Directora de «AZORES NEWS», a newsletter for visitors to the islands of Faial, Pico and São Jorge (Tradução de Rosário Sá Fernandes)*